



IGREJA^{VIVA}

QUINTA-FEIRA • 11 DE JANEIRO DE 2018

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 31639 de 11 de Janeiro de 2018, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

VER A MORTE DIANTE DOS OLHOS

A HISTÓRIA DE DUAS
FAMÍLIAS REFUGIADAS

REPORTAGEM

— P. 3-5 —

A RESSURREIÇÃO DE INGER



MIGUEL MIRANDA

PADRE

Sessenta e três anos após a sua realização, esse monumento da 7ª arte intitulado “A Palavra” – original dinamarquês “Ordet” – permanece como (ok, isto vai parecer pindérico, aguenta) um dos mais espirituais/místicos filmes de sempre (não te queixes, eu avisei). O *opus* de Carl Dreyer emparelha com “Diário dum pároco de aldeia” (Bresson, 1951), “A sombra do caçador” (Laughton, 1955), “Marcelino pão e vinho” (Ladislao Vadja, 1955), “O sétimo selo” (Bergman, 1957) e “Andrei Rublev” (Tarkovski, 1966). “A Palavra” descende da vetusta tradição de transpor peças de teatro para película, estando como que

naturalmente dividido em “actos” – podemos quase afirmar, neste sentido, que há um filme antes da morte de Inger e outro depois. A forma como os cenários se sucedem também reforça a ideia dessa estruturação. Dreyer ficara tão impressionado com a peça de Kaj Munk, a cuja estreia assistira em 1932, que nunca abriu mão da ideia de a “converter” ao cinema, vindo a fazê-lo somente 22 anos volvidos sobre aquele momento, ao cabo de uma longa e cuidadosa preparação. Abundam em “A Palavra” os nomes bíblicos e as citações bíblicas. São todas neo-testamentárias e quase todas saídas da boca de João, personagem spectral e profético que arrasta o filme consigo tal como arrasta o próprio corpo de ex-estudante de Teologia. “Todo aquele estudo fez-lhe mal”, lamenta a família, profundamente religiosa, ao vê-lo apresentar-se como o próprio Cristo novamente descido à terra, e, mais do que isso, como que a viver o que diz. Começando por retratar as divergências religiosas entre duas famílias que impedem o casamento entre os seus filhos, (a meio caminho entre “Os noivos” de Manzoni e o “Romeu e Julieta” de Shakespeare), famílias ambas encabeçadas por um “pater” autoritário e intransigente – de um lado, o lavrador Borgen, católico, do outro o alfaiate e pastor protestante Petersen –, “A Palavra” propõe-nos uma reflexão

muito bela e profunda acerca da fé, do milagre e da oração. Está basicamente em causa a oposição entre uma religião do Espírito e outra do preceito religioso – ou, se quisermos, da instituição. A primeira é incarnada sobretudo por Inger, esposa de Mikkel e, portanto, nora do “pater familias” Borgen; a outra pelos dois velhos ressabiados. Esta oposição foi em tempos um filão muito explorado pela



literatura, e bastará a este título lembrar autores como Unamuno, Dostoiévski ou Camus. A própria figura do novo vigário local reforça a visão crítica da religião institucionalizada que está perfeitamente estampada em “A Palavra”. É emblemático como, ao reaparecer João após um seu misterioso desaparecimento, propondo-se usar a palavra para devolver a vida a Inger

(o tal momento charneira, o milagre que resulta tanto na conversão do anteriormente revoltado Mikkel, como na reconciliação dos dois velhos), apenas uma criança (uma das filhas de Inger) manifesta a sua fé em tal capacidade, em clara evocação de *Mt* 18,3. Personagens às quais até esse momento faltava algo (a Mikkel a fé, a Inger o filho – nado morto – e por fim a própria vida, aos velhos a paz e a alegria, ao próprio João a lucidez) são justamente “recriadas” no momento em que João faz uso da Palavra para “acordar” Inger. Da desolação dos planos fechados da certidão de óbito, da página jornalística de necrologia e do velório, ainda que “cortada” pela alegria dos jovens enamorados – legitimada agora a relação –, Dreyer passa ao gesto ritual de Mikkel quando este volta a “dar vida” ao pêndulo do relógio, que parara aquando do expirar de Inger. Com ecos da metáfora do grão de trigo (*Jo* 12,24), a ressurreição de Lázaro é, contudo, o episódio bíblico que está gravado a estilete no coração de “A Palavra”. Podemos até ver Inger como Lázaro, João como Jesus, Mikkel como a Marta incrédula e a pequenita filha de Inger como a mesma Marta, mas a da confissão de fé. Como diz João em jeito de desabafo, “as pessoas acreditam no Cristo morto”. Talvez seja justamente esse o problema.



PAPA FRANCISCO @pontifex_pt

08 de Janeiro de 2018

Alegria, oração e gratidão são três atitudes que nos fazem viver de modo autêntico.

07 de Janeiro de 2018

O nome do Baptismo é também “iluminação”, porque a fé ilumina o coração, faz ver as coisas com outra luz.

D. JORGE ORTIGA @djorgeortiga

09 Janeiro de 2018

“Nada revela mais o carácter de um homem do que o seu modo de se comportar quando detém um poder e uma autoridade sobre os outros. Essas duas prerrogativas despertam toda a paixão e revelam todo o vício.” (Plutarco)



VENEZUELA. ARCEBISPO DE CARACAS APELA AO COMBATE À FOME

O Arcebispo de Caracas, cardeal Jorge Urosa Savino, alertou para a situação de “emergência social” em que o país se encontra devido à fome, pedindo ao governo para encontrar as medidas necessárias para reverter a situação. Numa entrevista à emissora *Unión Radio*, citada pelo *VaticanNews*, o arcebispo destacou a “fome, escassez de géneros alimentares e outros produtos”, como os problemas mais urgentes a solucionar. Segundo o observatório da Cáritas, 82% dos venezuelanos vivem em situação de pobreza.




SANTO PADRE QUER CONTRARIAR CULTURA DE COMPETIÇÃO NAS ESCOLAS

O Papa Francisco alertou para a necessidade de se contrariar uma cultura de competitividade nas escolas, que poderá levar a fenômenos de *bullying*. Numa audiência com a Associação Italiana dos Professores Primários, o Santo Padre aconselhou os professores a formarem alunos “abertos e interessados pela realidade que os rodeia” e “livres de preconceitos”. Para Bergoglio, é fundamental desconstruir a imagem de que “é preciso ser competitivo, agressivo, duro com os outros” para se conseguir afirmar.



PAPA VAI ENCONTRAR-SE COM INDÍGENAS NO CHILE E PERU

Na viagem apostólica ao Chile e ao Peru, o Sumo Pontífice vai encontrar-se com representantes de comunidades indígenas. No Chile vai reunir-se com representantes da comunidade de Araucania. “A Igreja é vista por alguns deles como uma possível mediadora e, por outros, como cúmplice do Estado que lhes é hostil”, referiu. Já no Peru, a maioria dos indígenas são cristãos. Os encontros vão ajudar a preparar o Sínodo dos Bispos para a região pan-amazônica – a realizar-se em Outubro de 2019) – convocado por Francisco.



“VI A MORTE DIANTE
DOS MEUS OLHOS.
NÃO QUERO VOLTAR.”

– HASAN SHLASH

FLÁVIA BARBOSA

FOTOS: FILIPA CORREIA

11 de Janeiro de 2018. A temperatura mínima de hoje ronda os 3° e a máxima 13°. Está frio, mas bem melhor do que o fim-de-semana passado, quando estivemos perto de atingir temperaturas negativas. Não são valores anormais, correspondem ao que é esperado do Inverno. Sabemos o que há a fazer: mais agasalhos, bebidas quentes, evitar a exposição ao frio intenso. E quando não é possível seguir estas recomendações? O que acontece quando nem crianças têm a possibilidade de adoptar estas práticas? A estes ingredientes juntamos uma viagem de quatro horas durante a noite, num barco com muito mais pessoas do que a capacidade permite. Não há luz, o frio é cortante, a água é gelada. A embarcação ameaça desfazer-se a qualquer momento. “Rumo” torna-se uma utopia. Esta é a história de milhares de refugiados que vêm a travessia pelo Mediterrâneo como a única forma de salvar a vida. Muitos perdem-na nesta busca. Ahmad, Shireen, Fawzi e Sedra fizeram uma destas travessias e tiveram a “sorte” de cá estar para contarem a história. Hasan, Reman, Ahmad e Yazan não precisaram de um barco, mas têm centenas de quilómetros – legais e ilegais – nos pés. As duas famílias foram acolhidas pelo Colégio Luso Internacional de Braga (CLIB) e encontram-se cá a viver.

A morte mora na Síria

Ahmad, de 31 anos, Shireen, de 28, Hasan, de 30, e Reman, de 24, aguardam-nos nas instalações do CLIB. A acompanhá-los está a directora da instituição, Helena Pina-Vaz, e Rasha Abaddi, a tradutora que nos explicará em inglês aquilo que é dito em árabe. Reman tem o filho mais novo no

colo, o bebé Ibrahim, de apenas três meses. Todos nos acenam e sorriem, as mulheres mais tímidas.

Neste dia, ainda antes do Natal, a família Shlash estava em Portugal apenas há 21 dias. “Zero meses”, brinca Hasan, depois da ajuda sussurrada por Ahmad. Não conseguem falar português, mas já dizem “obrigada”, “boa tarde” e “bom dia”.

O início da história é comum às duas famílias. Os Shlash viviam em Aleppo e durante a guerra mudaram-se para uma aldeia na periferia, onde ficaram por seis meses. Depois desse tempo voltaram à cidade, mas os bombardeamentos eram de tal forma intensos que os obrigaram a fugir para a Turquia em Dezembro de 2013. A fuga foi difícil, com fronteiras fechadas, caminhos e passagens ilegais. O olhar de Hasan perde-se no vazio. “As crianças sofreram imenso”, diz. Ficaram na Turquia quatro anos, onde Hasan trabalhou em várias áreas: com “móvel” – construção e restauro –, como taxista e em publicidade.

O filho mais velho do casal, Ahmad, de oito anos, tem uma deficiência profunda, causada por um problema em bebé que lhe afectou o sistema nervoso central. Só começou a andar aos cinco anos e não fala. Teria que frequentar uma escola para crianças com necessidades especiais, o que na Turquia nunca seria possível. Os cidadãos sírios não são oficialmente considerados como refugiados no país. É-lhes atribuído um estatuto de protecção temporária, com direitos limitados e um acesso ao mercado de trabalho condicionado. Ahmad nunca teria direito a apoios em termos de saúde e educação, pelo menos não adaptados às suas necessidades.

Por esta altura as crianças entram em euforia na sala, interrompendo a entrevista. Brincam, correm, falam alto,

pulam, abraçam Helena – que por esta altura já tem Ibrahim no colo – entram e saem da sala a alta velocidade apesar das advertências dos pais. “São crianças”, pensamos nós. Yazan, o filho do meio de Hasan e Reman, protege o irmão mais velho, dá-lhe a mão, tenta falar com ele pacientemente. Depressa voltam a fugir da sala e passamos a ouvir gritos de alegria num corredor próximo.

Foi através de um recente programa implementado pela Organização das Nações Unidas (ONU), dedicado a recolocar pessoas acolhidas na Turquia, que os Shlash acabaram por vir para Portugal. Não planeiam regressar.

“Não há nada como a nossa casa. Mas, estando aqui, iremos aprender a Língua, as nossas crianças vão crescer cá, não iremos sofrer ao voltar. Viemos para cá para começar do zero”, explica Hasan. Não querem voltar à Síria tão cedo, é mais provável que visitem a Turquia, onde já estão instaladas as famílias de ambos. Apercebemos-nos de alguma tensão e de um silêncio desconfortável. O pai parece querer dizer alguma coisa mas custa-lhe encontrar as palavras certas.

“Vi a morte diante dos meus olhos e a jornada até cá chegarmos foi terrível. Não irei sofrer novamente com um regresso quando não sei se o país tem um futuro. Não sei como será daqui a uns anos. Não quero voltar”, diz. Os olhos estão marejados de lágrimas.



Shireen e Sedra Sido

Reman ainda não sabe o que pensar de Portugal, diz que são demasiado recentes cá para fazerem julgamentos. Mas acha a Língua muito difícil. Também percebeu que “a maioria das pessoas é boa”. A maioria? O casal explica: ainda sentem algum preconceito. Dão o exemplo de um vizinho que finge não os ver. Mas acabam por desvalorizar a situação: “Em todos os países há pessoas boas e menos boas, seja na Síria, na Turquia ou em Portugal”.

Neste momento o maior sonho da família é conseguir um emprego a Hasan, que gostava muito de voltar à sua área. Orgulhoso, mostra-nos imagens de trabalhos feitos por si: vidros e mármore delicadamente pintados, madeiras esculpidas. “Mas qualquer coisa serve, só quero trabalhar”, diz imediatamente.

Quantos caminhos são precisos?

Por esta altura já as crianças estão de volta à sala. Sentaram-se no chão e abrem vários presentes oferecidos pelo Colégio. Há gritinhos de excitação,

muitos abraços e perguntas. Sedra começa a deixar de lado a timidez e aproxima-se de nós com curiosidade. Nos últimos anos, a família Sido não fez outra coisa senão andar de um lado para o outro para fugir à guerra, em busca de um sítio seguro para viver. Ahmad, Shireen, Fawzi e Sedra Sido também nasceram na Síria, país que abandonaram em 2013. Naturais de Aleppo, desesperaram quando uma explosão destruiu a casa vizinha. “Quase não havia distância entre nós e a bomba”, explica Ahmad. Nessa altura abandonaram a cidade e instalaram-se numa das aldeias da periferia, onde permaneceram por seis meses. Não foi o suficiente: com a guerra a escalar, sentiam-se cada vez mais em perigo. Decidiram-se pela Turquia. Puseram-se a caminho com os filhos, na altura com um e dois anos: uma viagem de três horas a pé com as crianças ao colo ou a pequenos passos. Depois de alguns atropelos, e chegados ao novo país, ficaram a viver em Izmir, onde Ahmad conseguiu trabalho. Quando tudo parecia finalmente estar bem, novos problemas surgiram.

Tal como aconteceu com os Shlash, na Turquia não lhes concederam o estatuto de refugiados: eram simples visitantes. Um dos aspectos práticos desta limitação prendia-se novamente com as crianças: Fawzi, actualmente com sete anos, e Sedra, com seis, não poderiam frequentar nenhum colégio ou escola. Com esta interdição, em Fevereiro de 2016 abandonaram a Turquia em direcção à Grécia. É aqui que acontece a viagem mais arriscada da família Sido: uma viagem ilegal num pequeno barco durante a noite fria e escura. Estiveram quatro horas na água: as crianças choraram e gritaram o tempo todo. Pelas oito da manhã desembarcaram na Grécia. Dois dias no país e tornaram-se legalmente refugiados.

“Queríamos outra vida para os nossos filhos. Queríamos encontrar a nossa dignidade. Sim, nós também temos dignidade”, afirma Ahmad. Sedra parece intrigada pelos nossos cabelos. Esconde-se atrás das cadeiras, reaparece, volta a esconder-se, faz-nos um bigode com o cabelo e ri-se às gargalhadas.

Ahmad retoma a conversa e explica que ainda não foi com a chegada à Grécia que conseguiram sossego. Tentaram ir até à Macedónia para conseguirem entrar na Alemanha, mas as fronteiras estavam irremediavelmente fechadas. Ficaram num campo de refugiados por três meses. Findo esse tempo, novo campo, nova adaptação, novos desafios. Os Sido até tiveram “sorte” nestas lides: o pior que lhes aconteceu foi encontrarem uma cobra ao pé do sítio onde Sedra, ainda bebé, se encontrava a dormir. Shireen tentou amenizar a dor da instabilidade com o conforto de um verdadeiro lar: mantinha a pequena tenda impecavelmente limpa e arrumada. “Mesmo sendo uma tenda, era a nossa casa. Tinha que a tratar bem”, explica, sorrindo envergonhadamente.

Seis meses depois, foram colocados em Atenas, num hotel. Ali já não havia cobras nem ratos e foi-lhes dito que viriam para Portugal. Só oito meses depois é que chegou a confirmação oficial da viagem. Fizeram os exames médicos necessários e no dia marcado dirigiram-se ao aeroporto. Novo

O CONFLITO SÍRIO

5,5
MILHÕES
refugiados sírios
no mundo inteiro



6,1
MILHÕES
sírios deslocados
internamente



465
MIL
mortos ou
desaparecidos no conflito



3,1
MILHÕES
refugiados sírios na Turquia.



Fonte: ACNUR e Observatório Sírio para os Direitos Humanos, 2017

contratempo: Ahmad não poderia viajar, um dos exames tinha detectado uma “doença perigosa” causada por um “corpo estranho”. Viram-se de regresso a Atenas, onde ainda permaneceram por quase dois meses. Depois desse tempo, finalmente a bonança: sem grandes explicações, foi-lhes comunicado que Ahmad nunca estivera doente, o problema residia no equipamento utilizado na realização do exame. Shireen brinca: “Se calhar a máquina é que tinha uma criatura estranha”.

Estão em Portugal há sete meses e por aqui pretendem ficar, sobretudo por causa das crianças. Shireen diz que Fawzi e Sedra estão felizes, bem como os pais, apesar de serem “recém-nascidos” no país: uma nova Língua, tradições, pessoas, costumes.

“Acho que o Fawzi e a Sedra sofreram tanto com as deslocações nestes últimos anos que agora estando aqui nunca se queixam de nada, para eles está sempre tudo bem. Sofreram demasiado! Às vezes falamos em viajar, mesmo que seja só visitar outra cidade aqui no país e eles ficam nervosos. Tudo o que implique deslocações não querem”, explica o pai.

Regressar à Síria só mesmo se for de visita, já que os pais de Ahmad e Shireen ainda lá estão. “Talvez um dia”.

Esperar contra toda a esperança

Antes destas duas famílias, o CLIB já tinha acolhido outras três. O Colégio foi uma das primeiras instituições a assinar o protocolo com a Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR), em 2015. Pelo trabalho desenvolvido até ao momento, a instituição recebeu o convite para integrar a Comissão Executiva.

“A nossa ideia desde Setembro desse ano era fazer alguma coisa muito concreta, queríamos inscrever-nos em algum sítio para acolher uma família. Em simultâneo, foi criada a PAR, por isso foi muito fácil criarmos essa estrutura. São a quarta e quinta família que recebemos, já recebemos outras três antes. Uma só esteve connosco um dia, outra uma semana, outra um ano. É uma experiência que tem modificado completamente a vida de toda a gente, é uma experiência completamente diferente para as crianças”, afirma Helena, enquanto embala Ibrahim no colo.

O convívio com Ahmad, o filho mais velho de Hasan e Reman, tem sido enriquecedor para todos. É a primeira vez que está numa escola com professores e terapeutas adequados às suas necessidades. Ahmad tem-se

adaptado de forma fantástica. “Gosta imenso do que faz, gosta imenso de toda a gente”, diz Helena. Enquanto está connosco brinca com os irmãos e amigos, ri-se, balbucia alegremente. Foi ele que espoletou a coragem dos pais para abandonarem a Turquia. Apesar de Hasan lá ter um bom emprego e a vida da família ser estável, sabiam não haver um futuro risonho para o filho quando não tinham apoios que preenchessem as necessidades do filho mais velho.

“Este é um programa novo, de agora, de recolocação de refugiados que já foram acolhidos na Turquia e que agora estão a ser recolocados num país europeu. Eles quiseram vir sobretudo por causa de Ahmad. Há também um programa novo em que a família Sido está interessada, numa tentativa de recolocação mais rápida de familiares de quem já está acolhido. Ele tem um tio paterno e um irmão que querem vir para cá e se assim for, como vêm para uma família que está acolhida por nós, ficam à nossa responsabilidade. Os pais não devem vir porque este é um programa para quem já está na Turquia à espera de ser colocado, e os pais ainda estão na Síria, de onde terão de sair primeiro”, adianta Helena.

A directora explica também que as instituições anfitriãs inscritas junto da PAR ficam inteiramente responsáveis por organizar a vida das famílias recém-chegadas. “É preciso preparar uma

casa, mobilá-la, levá-los aos Centros de Saúde para terem um médico de família, tratar do número da Segurança Social, ajudá-los a procurar emprego, garantir a escola das crianças...”, diz. Helena e o CLIB já trataram de quase tudo. E as crianças das duas famílias frequentam o Colégio de forma gratuita.

A entrevista já terminou, mas as conversas continuam à mesa. Ninguém diria que estamos perante adultos e crianças que suportaram tantas privações e provações. Em termos de adaptação, há mais questões que despertam a nossa curiosidade. Os Shlash e os Sido são muçulmanos. Como é conviver com uma religião tão diferente, sobretudo nos primeiros tempos?

A esta questão é Rasha, a tradutora, que pede mesmo para responder.

“No fundo, não somos diferentes, somos iguais. Acreditamos no mesmo Deus e temos a mesma crença. A Bíblia fala dos muitos pecados que os humanos têm. Nós temos exactamente a mesma coisa. Vocês acreditam que Jesus é filho de Deus. O nosso profeta também é um mensageiro de Deus, tal como Jesus. Talvez a diferença esteja em nós acreditarmos que Jesus é um profeta, um homem bom, mas vocês não acreditarem no nosso profeta. É a única diferença substancial. Acreditamos em Deus, temos os mesmos princípios e a mesma ética. Como a nossa religião surgiu depois da vossa, inclui-vos. O contrário não acontece, mas não faz diferença, somos iguais”, sorri.

O Natal é agora tema de conversa. Hasan nem sabia que o Natal existia. Ahmad e a família tinham convidado Helena para jantar no dia anterior: uma refeição natalícia. Discutem-se animadamente os próximos feriados e os dias em que a cidade estará “parada”, ocupada a celebrar o nascimento de Jesus. Depois da turbulência dos últimos anos, os Sido e os Shlash parecem finalmente ter encontrado a paz. E há motivos para celebrar: na barriga de Shireen encontra-se o novo elemento da família. Uma menina, que irá nascer em Março. O nome já está escolhido, sem hesitações: Helena.

As boas notícias não ficam por aqui. Hasan fala do filho Ahmad e explica que desde a entrada no Colégio está mais calmo. “Esgota a energia toda aqui e parece compreender finalmente o que lhe dizemos, mesmo sem falar”, explica. “Mas ele vai falar!”, diz a directora. A terapeuta tinha avançado hoje a notícia: com os progressos de Ahmad em apenas duas semanas, não havia nada que indicasse o contrário, havia sim razões para terem esperança.

“الحمد لله”, diz Hasan, levantando as mãos ao alto, emocionado.

“Graças a Deus”.

O Natal chegou mais cedo.



Yazan, Ahmad, Reman e Hasan



Fawzi, Ahmad, Sedra e Shireen

“ELES DEIXARAM... E SEGUIRAM JESUS”

DOMINGO III
TEMPO COMUM



ITINERÁRIO

ATITUDE
Seguir.

CONCRETIZAÇÃO: Jesus insiste em encontrar-se conosco para nos chamar a segui-l’O. Este seguimento implica uma conversão de coração para aderirmos a Ele com verdade e numa atitude de entrega total. Para expressar o seguimento e a adesão a Cristo, vamos colocar, à volta do Círio Pascal – sinal de Cristo que é luz, que conduz os caminhos das pessoas – umas redes de pesca enroladas, bem como umas pegadas, recortadas em cartolina.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Cristo Jesus, Tu me chamaste* (H. Faria)
- **APRES. DONS:** *No meio da minha vida* (F. Silva)
- **COMUNHÃO:** *Jesus Cristo, és meu amigo* (H. Faria)
- **FINAL:** *Uma certeza nos guia* (M. Carneiro)

EUCOLOGIA

- **ORAÇÕES PRESIDENCIAIS:** Orações próprias do III Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, p. 397).
- **ORAÇÃO EUCARÍSTICA:** Oração Eucarística V/C com prefácio próprio (*Missal Romano*, pp. 1169ss).

VIVER NA ESPERANÇA

O que serei capaz de deixar, esta semana, para seguir Jesus mais de perto?

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I JONAS 3, 1-5.10

Leitura da Profecia de Jonas

A palavra do Senhor foi dirigida a Jonas nos seguintes termos: “Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive e apregoa nela a mensagem que Eu te direi”. Jonas levantou-se e foi a Nínive, conforme a palavra do Senhor. Nínive era uma grande cidade aos olhos de Deus; levava três dias a atravessar. Jonas entrou na cidade, caminhou durante um dia e começou a pregar, dizendo: “Daqui a quarenta dias, Nínive será destruída”. Os habitantes de Nínive acreditaram em Deus, proclamaram um jejum e revestiram-se de saco, desde o maior ao mais pequeno. Quando Deus viu as suas obras e como se convertiam do seu mau caminho, desistiu do castigo com que os ameaçara e não o executou.

SALMO RESPONSORIAL SALMO 24 (25)

Refrão: Ensina-me, Senhor, os vossos caminhos.

LEITURA II 1 COR 7, 29-31

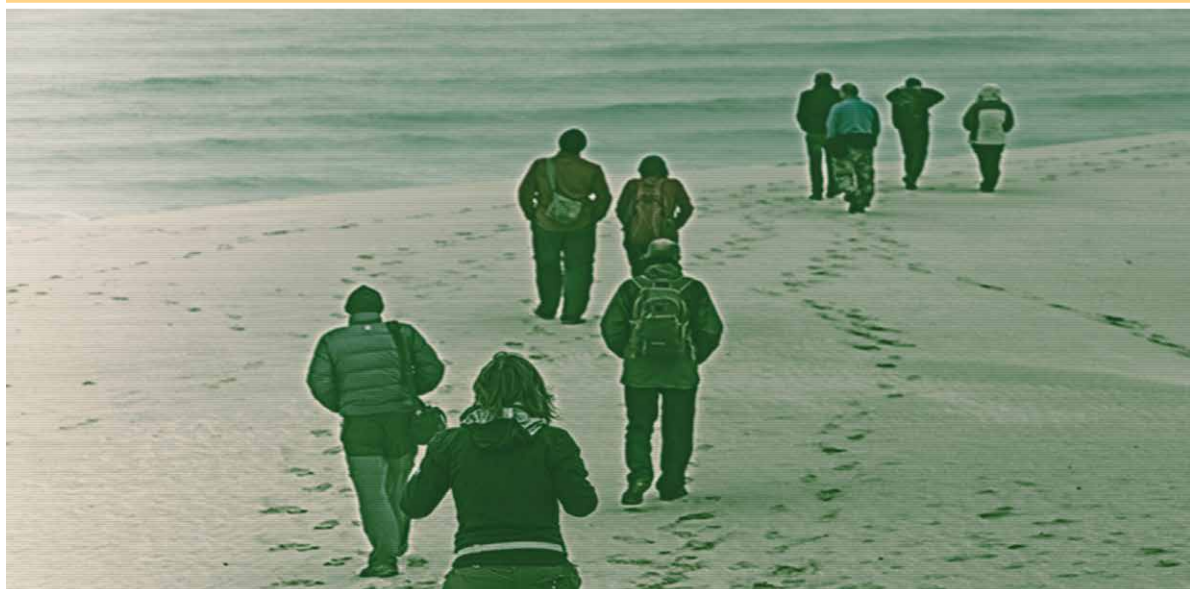
Leitura da Primeira Epístola do apóstolo S. Paulo aos Coríntios

O que tenho a dizer-vos, irmãos, é que o tempo é breve. Doravante, os que têm esposas procedam como se as não tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que andam alegres, como se não andassem; os que compram, como se não possuíssem; os que utilizam este mundo, como se realmente não o utilizassem. De facto, o cenário deste mundo é passageiro.

EVANGELHO MC 1, 14-20

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Marcos

Depois de João ter sido preso, Jesus partiu para a Galileia e começou a proclamar o Evangelho de Deus, dizendo: “Cumpriu-se o tempo e está próximo o reino de Deus. Arrependei-vos e acreditai no Evangelho”. Caminhando junto ao mar da Galileia, viu Simão e seu irmão André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus: “Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens”. Eles deixaram logo as redes e seguiram Jesus. Um pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, que estavam no barco a consertar as redes; e chamou-os. Eles deixaram logo seu pai Zebedeu no barco com os assalariados e seguiram Jesus.



REFLEXÃO

Cantai ao Senhor um cântico novo,
cantai ao Senhor, terra inteira.
Glória e poder na sua presença,
esplendor e majestade no seu templo.

Salmo 95, 1.6

A experiência do tempo pode ser analisada sob várias perspectivas. Por um lado, há a medida do tempo, em que cada segundo decorre por si mesmo, assim como o estado do tempo, chuva ou sol, frio ou calor. Por outro lado, cada um experiência determinados momentos e acontecimentos em que é decisiva a responsabilidade pessoal. Neste caso, a gestão do tempo é ou pode ser diferente. O discernimento assume um papel fundamental nas opções, no decurso dos acontecimentos. Para o crente, o tempo é sempre vivido sob o olhar divino, na presença de Deus, pelo que a medida, o estado ou a gestão do tempo é uma oportunidade para entoar um hino de louvor à “glória” e ao “poder” de Deus.

“Eles deixaram... e seguiram Jesus”

O ardor que palpitava em Jesus Cristo, nalguns provocou crítica e recusa, noutros, uma grande atracção. Os primeiros discípulos são dos que se sentiram fascinados e, de acordo com o evangelista, ao escutarem o chamamento, “deixaram logo” a situação em que se encontravam “e seguiram Jesus”. No Terceiro Domingo (Ano B), depois de apresentar o seu plano pastoral, a Boa Nova, Jesus Cristo procura os primeiros colaboradores para levar a cabo a sua missão. Não escolhe pessoas especialmente dotadas, mas uns homens do povo, nos quais se percebe a disposição para o seguir. São homens de trabalho, pescadores, mas a habilidade nesse ofício tem de os ajudar a descobrir um novo sentido: “pescadores de homens”. A iniciativa parte de Jesus Cristo. Ele pousa o seu olhar em cada um. O chamado sente-se abraçado pelo “olhar do Senhor”, vê-se a si mesmo com “maior clareza” e responde com a “loucura sensata da radicalidade”. O chamado “aceita deixar entrar na sua vida a novidade de Deus e responde sem tergiversar, sem pôr condições, sem predeterminar as prestações: trata-se de seguir Cristo, e basta, sem primeiro saber aonde isso poderá levar” (Luciano Manicardi).

Seguir

O que começou junto ao mar da Galileia, repetiu-se ao longo da história, volta a acontecer nos nossos dias. Deus, através de Jesus Cristo, continua a chamar. A paixão pelo Evangelho, que animou toda a vida de Jesus Cristo, continua a impulsionar a vida de homens e mulheres que deixam as anteriores ocupações para se tornarem discípulos missionários, portadores de alegria e esperança. Tudo começa com um “olhar”. Seguir Jesus Cristo é um dom. Depois, é também uma tarefa. Ao chamado que acolhe o convite exige-se uma atitude de conversão que consiste em abandonar anteriores caminhos para seguir o itinerário do Mestre: deixar os caminhos da vaidade, do poder, da auto-suficiência, e, com humildade e esperança, tomar a rota proposta por Jesus Cristo.

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

TERCEIRO DOMINGO B . 2018

“
Eles deixaram...
e seguiram Jesus
”

LABORATORIODAFE

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

DESPERTAR A ESPERANÇA

[Introdução ao espírito celebrativo]

Jesus está a passar por aqui!
E continua a passar!
Passa junto ao mar da Galileia.
Ele passa pelos lugares da nossa vida!
Ele vê-nos.
Ele chama-nos pelo próprio nome.
Ele desafia-nos a segui-LO, a estar e a caminhar com Ele.
E quando Ele passa tudo se transforma.
Por isso, ao seu apelo, não podemos perder tempo,
enredados com aquilo que nos atrapalhe.
Ele quer fazer de nós "pescadores de homens",
pessoas capazes de unir e reunir os outros.
Está a decorrer, de 18 a 25 de Janeiro,
a semana de oração pela unidade dos cristãos,
este ano com o tema:
"A tua direita, Senhor, resplandeceu de força".
Rezemos em unidade com todas as confissões cristãs.

ENRAIZAR A ESPERANÇA

[Dinâmica própria do Tempo Litúrgico]

1. Preparação Penitencial

V/ Amados por Deus, invoquemos a Sua misericórdia.

[Momento de silêncio]

Apesar da unidade que recebemos em
Cristo, persistimos na nossa desunião. Senhor, misericórdia.

R/ Senhor, misericórdia.

V/ Endurecemos os nossos corações ao ouvir o Evangelho.

Cristo, misericórdia.

R/ Cristo, misericórdia.

V/ Falhamos na tarefa de Vos servir nos nossos irmãos e irmãs.

Senhor, misericórdia.

R/ Senhor, misericórdia.

2. Proclamação da Palavra

[Primeira Leitura] A primeira leitura apresenta três pequenas cenas, formando um tríptico: a vocação de Jonas, a pregação do profeta, o perdão de Deus. O leitor terá em conta, desde logo, uma série de imperativos: “Levanta-te..., vai..., proclama...” e o uso dos mesmos verbos de movimento para dizer a resposta do profeta: “Jonas levantou-se e foi...”. Depois o peso da tarefa “Nínive era...” e a prontidão dos ninivitas para se converterem: “Acreditaram...”. Por fim, a reacção de Deus que “desistiu do castigo com que os ameaçara”.

[Segunda Leitura] Apesar da urgência da mensagem “o tempo é breve”, o leitor proclamará este texto com voz serena e calma.

PARTILHAR A ESPERANÇA

[Indicações para a reflexão partilhada na homilia]

- O seguimento exige escuta da pessoa que chama. Implica a abertura à mudança, transformação, conversão. Desafia a generosidade de quem, perante as seguranças mais imediatas, se abre à possibilidade do tempo e da lógica de Deus.
- É para nós motivo de profunda esperança o facto de admitirmos que Jesus passa na nossa vida, no nosso trabalho, Ele vê-nos, conhece-nos no mais íntimo de nós mesmos e chama-nos ao seguimento, à opção radical por Ele.
- Não podemos absolutizar nada daquilo que temos ou que somos capazes de fazer; tudo é passageiro, provisório. Apenas terá sentido se for iluminado pela esperança, pela presença e pela graça de Deus.

A VERSÃO COMPLETA DO SUBSÍDIO LITÚRGICO ENCONTRA-SE
DISPONÍVEL EM WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT/LITURGIA/



OLIVE & NOÉ

CONGREGAÇÃO DA DIVINA PROVIDÊNCIA E SAGRADA FAMÍLIA ASSINALA 50 ANOS COM CERIMÓNIA NA SÉ CATEDRAL

No próximo Domingo, dia 14 de Janeiro, assinala-se a Abertura Solene do Ano Jubilar da Congregação da Divina Providência e Sagrada Família, fundada há 50 anos, no dia 8 de Dezembro de 1968. A cerimónia será na Sé Primacial de Braga, a iniciar-se às 11h30. A presidir à celebração estará o Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortiga. Ao longo do ano a Congregação irá organizar vários momentos celebrativos nas dioceses onde está ao serviço, para “agradecer a Deus o

dom da Congregação”, explicam os responsáveis. Embora a Congregação da Divina Providência e Sagrada Família tenha sido aprovada como Congregação de Direito Diocesano a 8 de Dezembro de 1968, o acontecimento foi celebrado publicamente a 12 de Janeiro de 1969 na Basílica de Nossa Senhora do Sameiro. O fundador da Congregação, Padre Adão Salgado Vaz de Faria, foi cônego capitular da Sé de Braga.



AGENDA

14.01.2018

SONS DO CONSERVATÓRIO
11h00 / Theatro Circo Braga

TOMADA DE POSSE DOS CONSELHOS ECONÓMICOS PAROQUIAIS
15h00 / Cripta da Basílica do Sameiro

XVII CONCERTO DE CANTAR DOS REIS
15h00 / Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Amares

17.01.2018

LABORATÓRIO "OBJECTIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL" (ODS) BRAGA: ERRADICAÇÃO DA POBREZA
10h00 / Loja Europa Jovem (Braga)



FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, Álvaro Balsas, s.j.

Recolecção do Clero

16 JAN. 2018 – Traz a tua Bíblia!

PROGRAMA | 9.30 LAUDES | 10.00 CONFERÊNCIA | ADORAÇÃO

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



VÁRIOS AUTORES

PAZ E FUTURO DA HUMANIDADE

Esta obra compila os textos pronunciados no Seminário "Paz e futuro da Humanidade", organizado pela Capelania Mor do Serviço de Assistência Religiosa das Forças Armadas e das Forças de Segurança a 31 de Maio de 2017. As actas resultantes do evento cultural são fruto de uma reflexão sobre grandes temas éticos, lembrando que militares e polícias são "os mais interessados numa equilibrada dinâmica social: é a eles que a Nação, organizada em Estado, confia o encargo de velar pela paz, segurança, liberdade e funcionamento da boa convivência democrática".

PVP
10,90€

10%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 11 a 18 de Janeiro de 2018.



LEITOR DE CÓDIGO

Fale connosco no Facebook

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Multimédia: Ana Pinheiro
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt